

## **Entre Araxá e Belo Horizonte: itinerários intelectuais das professoras Letícia Chaves e Leonilda Montandon (1929–1944)<sup>1</sup>**

*Lucas José Magalhães Alves<sup>2</sup>  
Vera Lúcia Nogueira<sup>3</sup>*

**Resumo:** Este artigo analisa as trajetórias das professoras Leonilda Montandon e Letícia Chaves, em Minas Gerais, entre 1929 e 1944. Com abordagem teórica do campo da História dos Intelectuais em diálogo com a História da Educação, analisam-se dados obtidos, principalmente, por meio da prosopografia ou biografia coletiva. Como resultados, nota-se que ambas pertenceram a uma mesma geração intelectual, compartilhando projetos, espaços e redes de sociabilidades no campo da Educação.

---

<sup>1</sup> O trabalho vincula-se a resultados parciais da dissertação “Mulheres Intelectuais na mentoria e editoria da Revista Educando (1940-1945)”, produzida por nós no interno do PPGE/UEMG. Entre novembro de 2021 e março de 2022, contamos com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig).

<sup>2</sup> Mestre em Educação (2023) pelo PPGE da FaE-UEMG e Historiador (2016) licenciado pelo Unipam. Desenvolve pesquisas no âmbito da História da Educação sobre Instituições pedagógicas e associativistas, mulheres intelectuais, mulheres editoras, redes de sociabilidades, biografias coletivas (prosopografia) e uso de softwares. Atualmente, integra o Grupo de Estudos e Pesquisas em História e Historiografia da Educação Brasileira na FaE-UEMG e é doutorando pelo PPGET do Cefet-MG. E-mail para contato: lucasmagalhaesalves@hotmail.com

<sup>3</sup> Doutora (2009) e Mestre (2002) em Educação (FaE/UFMG). Pedagoga (1995) pela mesma Instituição. Tem experiência no campo da Pedagogia atuando nas áreas de Políticas Públicas; História da Educação; Gestão da Educação e da Escola. Pesquisadora da História da Educação e líder do Núcleo de Estudos e Pesquisas em História da Educação/NEPHE/FaE/UEMG - Realizou estágio de pós-doutoramento na FaE/UFMG sob a supervisão do prof. Dr. Luciano Mendes de Faria Filho. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação e Formação Humana (PPGE) e dos Cursos de Pedagogia e de História da Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). E-mail para contato: vera.nogueira@uemg.br”

Atuaram na difusão do Método da Escola Ativa e na formação de professoras, por meio da Associação dos Professores Primários de Minas Gerais e da imprensa periódica, o que permite compreendê-las como intelectuais mediadoras.

**Palavras-chave:** APPMG. Escola de Aperfeiçoamento de Minas Gerais. História da Educação. Intelectuais mediadoras. Revista Educando.

## **Between Araxá and Belo Horizonte: intellectual itineraries of Letícia Chaves and Leonilda Montandon (1929–1944)**

**Abstract:** This article analyzes the trajectories of Leonilda Montandon and Letícia Chaves, in Minas Gerais, between 1929 and 1944. With the theoretical approach of History of the Intellectuals in dialogue with History of Education, the data was analyzed, especially, with the use of prosopography or collective biography. As results we noted that both belonged to the same generation of intellectuals, sharing projects, spaces and networks of sociability around the field of education. They acted in the diffusion of the Active School Method and the formation of teachers, through the Associação Dos Professores Primários de Minas Gerais and journalistic press, which allows us to comprehend them as intellectual mediators.

**Keywords:** APPMG. Escola de Aperfeiçoamento de Minas Gerais. History of Education. Intellectual mediators. Educando Magazine.

## **Entre Araxá y Belo Horizonte: itinerarios intelectuales de Letícia Chaves y Leonilda Montandon (1929-1944)**

**Resumen:** Este artículo analiza las trayectorias de Leonilda Montandon y Letícia Chaves, en Minas Gerais, entre 1929 y 1944. Con un abordaje teórico desde el campo de la Historia de los Intelectuales en diálogo con la Historia de la Educación, se analizan datos obtenidos principalmente a través de la prosopografía, biografía colectiva. Como resultado, se constata que ambas pertenecieron a la misma generación intelectual, compartiendo proyectos, espacios y redes de sociabilidad en torno al campo de la Educación. Actuaron en la difusión del Método Escuela Activa y en la formación de profesores, a través de la Asociación de Profesores de Primaria de Minas Gerais y de la prensa periódica, lo que permite entenderlos como intelectuales mediadores.

**Palabras clave:** APPMG. Escola de Aperfeiçoamento de Minas Gerais. Historia de la Educación. Intelectuales mediadores. Revista Educando.

## Introdução

Entre o final do século XIX e os primeiros quarenta anos do século XX, o Brasil foi palco de intensa atividade intelectual que visava à implementação de um ensino formador de cidadãos para a República e para a nova era industrial e educacional (NAGLE, 2009; NOGUEIRA, 2015). Esse contexto colocou em evidência dois grupos antagonistas compostos por intelectuais das alas católica e escolanovista<sup>4</sup>, que, desde a década de 1920, vinham disputando o discurso pedagógico em torno de temas como laicidade e coeducação na educação (CURY, 2004; ORLANDO, 2006). Além disso, no âmbito das proposições escolanovistas<sup>5</sup> de remodelação da educação pública no país, ocorreram amplas reformas da escola e do sistema escolar em vários estados da Federação<sup>6</sup>, entre os quais Minas Gerais.

O movimento reformador mineiro do século XX teve início com a Reforma João Pinheiro (Lei nº 439/1906) e somou-se à Reforma Francisco Campos (Decretos nº 7970-A/1927 e nº 1036/1928, especialmente). As nomenclaturas homenageiam seus principais redatores, os quais, à época, atuavam, respectivamente, como Presidente e Secretário da Pasta de Interior de Minas Gerais (PEIXOTO, 2003). A primeira Reforma implementou os grupos escolares e criou na Capital, Belo Horizonte, uma Escola Normal visando capacitar normalistas para atuar nos grupos

---

<sup>4</sup> Integrando a Associação Brasileira de Educação (ABE), criada em 1924, no Rio de Janeiro, essa entidade promovia debates relativos aos projetos de educação pública nacional e seus integrantes passaram a ser denominados pela historiografia como “escolanovistas”, “renovadores”, “liberais” e “educadores católicos” (PEIXOTO, 2003).

<sup>5</sup> Referimo-nos ao movimento de renovação educacional inspirado em John Dewey, dos Estados Unidos, e no experimentalismo pedagógico de Édouard Claparède, na Suíça, que havia chegado ao Brasil já no final do século XIX e ganhou fôlego nas primeiras décadas do século. Sobre isso: Kulesza (2019).

<sup>6</sup> Sobre as reformas educacionais pautadas na Educação Ativa que ocorreram em diferentes regiões brasileiras, ver: Bomeny (1993).

escolares recém-criados (PRATES, 2000). Em 1927, a segunda Reforma determinou que os Métodos Ativos<sup>7</sup>, que concentravam o fazer pedagógico no aluno e o capacitavam para o fazer social, orientassem a Educação Primária e Normal (PEIXOTO, 2003). Logo, ambas as Reformas levaram à expansão do ensino e à capacitação de profissionais para o aparelhamento sistêmico-burocrático da educação.

Como estratégia para o êxito da Reforma, Francisco Campos promoveu, entre outras, a criação da Escola de Aperfeiçoamento de Minas Gerais (EAMG) com sede na Capital. Fundada, oficialmente, em 1929, e extinta em janeiro de 1946, ofertava formação pedagógica não obrigatória após os dois primeiros níveis exigidos (Normal e Aplicação) na forma de escola normal para professoras. Majoritariamente, as discentes e docentes eram mulheres, caracterizando a Instituição como espaço de sociabilidades femininas. Dessa forma, o corpo docente inicial era formado por professoras mineiras capacitadas em Columbia no *Teacher College* e europeias vindas, especialmente, do Instituto Jean-Jacques Rousseau (IJJR)<sup>8</sup>, proporcionando, à época, uma percepção social qualificada da existência da Instituição (PRATES, 2000). Durante o curso, os ideais comuns pautados nos Métodos Ativos sustentavam a formação das alunas-mestras para que, ao retornarem para as regiões de origem, pudessem atuar como difusoras da Escola Moderna, não somente no interior do Estado como também em outras regiões do país.

---

<sup>7</sup> Métodos cuja centralidade é dada à atividade do educando no processo de ensino-aprendizagem, “uma das principais características do escolanovismo que tomou corpo no início do século passado, orientando” os programas de formação inicial e continuada das professoras mineiras”. (KULESZA, 2019, p. 75)

<sup>8</sup> “Sob o nome de École des Sciences de l’Éducation, o IJJR foi criado em Genebra, Suíça, pelo psicólogo e médico suíço Édouard Claparède em 1912. O Instituto deveria ser, ao mesmo tempo, uma escola, um centro de pesquisas, um centro de documentação e de propaganda a favor da Educação Nova”. (AZEVEDO, 2023, p. 8)

O público atraído pela Escola constituía “a ala feminina das famílias que compunham as oligarquias regionais e a elite intelectual mineira” (PRATES, 1989, p. 112) que, após diplomada iria atuar como professora em Escolas Normais, na Inspetoria do Ensino, como diretora ou assistente técnica, tendo prioridade nos grupos escolares das cidades de origem (KULESZA, 2019). Logo, atuações que permitiriam um maior protagonismo feminino em debates políticos, culturais e sociais, por meio de cargos, majoritariamente, ocupados por homens até aquela época (MORAIS, 2015).

A convite do governo, as primeiras matrículas da EAMG foram preenchidas por normalistas de destaque em suas regiões (PRATES, 2000). Ressalta-se que o estudo se insere no campo da História da Educação e no grupo de investigações que privilegiam a abordagem centrada nas mulheres como sujeitas de pesquisa e, no caso deste artigo, como uma forma de resgate das memórias da Instituição<sup>9</sup>.

Neste artigo, as professoras Leticia Chaves Campos e Leonilda Scarpelli Montandon são compreendidas como intelectuais à luz de Jean-François Sirinelli (2015), para quem a categoria “intelectual” possui duas acepções: uma ampla, que engloba os criadores e os mediadores culturais e uma estreita, que versa sobre os engajamentos desses sujeitos na *cité*<sup>10</sup> via participações sócio-políticas coletivas.

---

<sup>9</sup> Essa abordagem corrobora a advertência de Kulesza (2019, p. 86) que reconhece as dificuldades no estudo dessa Instituição “pelo desaparecimento do patrimônio material da Escola no incêndio que irrompeu no Instituto de Educação [local que abrigava o acervo documental da Escola, me Belo Horizonte] no início de setembro de 1953. Além de destruir os arquivos da escola, o incêndio atingiu as três bibliotecas do Instituto, transformando em cinzas preciosos livros, documentos e relatórios de pesquisa”.

<sup>10</sup> Optou-se por não traduzir “*cité*” pois seu significado em francês, como indicado por Alves (2019, p. 31), carece de equivalente em português, referindo-se à participação na comunidade e contribuição em decisões coletivas, incluindo a esfera política.

Ambas as sujeitas se entrecruzam em vivências em Araxá (MG), onde nasceram e atuaram como professoras, e Belo Horizonte, onde se formaram por meio da EAMG e estabeleceram moradia. Diante disso, propõe-se, investigar suas “trajetórias”. Ou seja, suas origens e suas relações familiares, institucionais, sociais, culturais e políticas que permitam notar as diferentes posições que ocuparam no mundo, bem como seus engajamentos e projetos intelectuais (SIRINELLI, 2015).

Adotamos o método prosopográfico, o qual, em sua essência, visa identificar “as características coletivas de um grupo de indivíduos na História através de um estudo abrangente de suas vidas”, utilizando fontes sobre “nascimento e morte, casamento e família, origens sociais [...]”, permitindo a análise conjunta e minuciosa de múltiplas informações sobre os sujeitos em questão, em busca de relações significativas (STONE, 2011, p. 115). As fontes empregadas incluem material iconográfico, jornalístico, normativo, oral e manuscrito<sup>11</sup>.

### **Itinerários biográficos de Leonilda Montandon e Leticia Chaves**

Leonilda Scarpelli Montandon (Imagem 1) era filha única de Alexandre Scarpelli e M<sup>a</sup> Augusta Montandon e nasceu em 1904 na cidade de Araxá, onde também foi criada. Próximo aos seis anos de idade, perdeu o pai, o que a levou, junto à mãe, residir com o avô materno, Eduardo Augusto Montandon, médico, político, professor, editor de jornal e integrante do Grupo de Dominicanos de Araxá – onde Leonilda também se inseriu.

---

<sup>11</sup> A relação de fontes é referenciada ao final do artigo.

**Imagem 1** – Leonilda S. Montandon

Fonte: Revista Educando, 1940

No âmbito educacional, Leonilda Montandon aprendeu a ler com sua mãe, em casa. Por volta de 1908 e 1909, estudou no Colégio Infantil de Araxá, cidade onde, em 1911, cursou o 1º ano primário em diversas escolas. No ano seguinte, cursou o 2º ano em Estrela do Sul (MG) e, entre 1913 e 1914, cursou o 3º e o 4º anos no Grupo Escolar Delfim Moreira, novamente em Araxá. De 1918 a 1921, formou-se normalista no Colégio Ns. Sra. das Dores, em Uberaba (MG). Após, retornou para Araxá e, com outras profissionais, fundou o Colégio Sagrado Coração de Jesus, que funcionou por dois anos. Entre 1924 e 1928, assumiu como professora efetiva no Grupo Escolar Delfim Moreira, em Araxá.

Em 1928, mudou-se para Uberabinha (MG) (desde 1929, Uberlândia) para lecionar no Grupo Escolar Silviano Brandão e tocar violino no Grupo Cinema Mundo. Entre 1930 e 1945, atuou na Assistência-Técnica Pedagógica de Minas Gerais, sendo até 1934 na região de Araxá e, após, em Belo Horizonte.

Sobre a professora Letícia Chaves – nome de batismo – (Imagem 2), sabe-se que era filha de Maximiano Lopes Chaves e Irineia Ferreira Chaves e irmã de Hozanan Lopes Chaves. Nasceu próximo a 1904 em Araxá, onde, possivelmente, viveu a infância e adolescência.

**Imagem 2** – Letícia Chaves Campos



Fonte: Memorial da Escola Estadual Letícia Chaves

Sobre religiosidade, Letícia Chaves parece próxima ao Catolicismo, haja vista que publicou no almanaque “Álbum de Araxá” (1928) uma matéria na qual lamentava as mudanças nas estruturas da Igreja de São Domingos, paróquia que constituía suas memórias naquela cidade. Acerca de seus estudos, não localizamos onde concluiu o Ensino Primário e o Normal, porém há indícios de que tenha realizado parte de sua formação na França, conforme o Memorial da Escola Estadual Letícia Chaves.

Na década de 1920, atuou como professora primária e, entre 1930 e 1931, como auxiliar de diretora no Grupo Escolar Delfim Moreira, em sua cidade natal, onde também trabalhou, em 1931,



como professora na primeira turma do Curso Normal do Colégio São Domingos. No ano seguinte, foi professora no Curso Normal, em Pitangui (MG). Em algum momento entre 1933 e 1934, passou a atuar na Assistência Técnica, em BH, tendo assumido a diretoria do Grupo Escolar Flávio dos Santos em [1936?]. Em algum período até 1944, também em BH, dirigiu o Programa “Hora Escolar” da emissora Rádio Inconfidência.

Na década de 1930, casou-se com o dentista Claudino Campos, passando a assinar “Letícia Chaves Campos”. Em 29/10/1944, aos 42 anos, um dia antes da comemoração do “Dia da Professora”<sup>12</sup>, e quatro meses após o nascimento de seu único filho, veio a falecer causando grande comoção entre a elite política e várias autoridades mineiras, que compareceram no seu sepultamento<sup>13</sup>.

### Trajetórias entrecruzadas

Nos trinta primeiros anos do século XX, as famílias das professoras Leonilda Montandon e Letícia Chaves compartilharam afinidades sociopolítico-culturais comuns, como, por exemplo, via participação na comunidade de São Domingos e na fundação da primeira Escola Secundária de Araxá. Destaca-se ainda a atuação do avô de Leonilda como professor na região.

Portanto, são famílias imersas entre si em “redes de sociabilidades”. Isso é, redes de contatos e projetos que, se analisadas, revelam os motivos da união de sujeitos(as) “em torno de uma sensibilidade ideológica ou cultural comum e de afinidades mais difusas, mas igualmente determinantes, que fundamentaram uma vontade e um gosto de conviver” (SIRINELLI, 2015, p. 248).

---

<sup>12</sup> Em Minas Gerais o Decreto 10118/1931 estabeleceu 30/10 como o “Dia da Professora Primária”. Essa data específica já não consta mais no calendário oficial do estado.

<sup>13</sup> Tais como: Cristiano Machado, Secretário de Educação; Laborne e Vale, chefe do Departamento de Educação; Herculano Assunção, presidente da Cruz Vermelha (LUTO, 1944).

Partindo desse pressuposto, considera-se que as primeiras convivências entre as duas amigas foram oportunizadas já durante suas infâncias e juventudes, graças às sociabilidades entre as suas famílias, bem como à experiência semelhante de formação que ambas sujeitas receberam.

Essa formação comum é validada quando elas ingressam na EAMG, em 1929. À época, a matrícula só se efetivaria caso a aluna-mestra<sup>14</sup> fosse normalista formada, tivesse menos de 35 anos e comprovasse procedimentos e condutas irrepreensíveis mediante atestados de “idoneidade religiosa, de idoneidade moral e de boa qualidade do serviço prestado no magistério, respectivamente, emitidos pelo pároco e pelo juiz da cidade da candidata e pela diretora da escola onde lecionava” (PRATES, 2000, p. 72). Portanto, o ingresso de ambas nessa Instituição denotaria que os campos político, social, educacional e religioso-católico araxaense reconheceram, à época, tanto a formação que ambas receberam de suas famílias, quanto a importante atuação no Ensino.

Entre 1929 e 1930, a EAMG permitiu que as duas amigas partilhassem cotidianos similares entre si e outras normalistas, como comenta Letícia Chaves:

Vindas dos mais longínquos rincões do vasto território mineiro, [...] atarefadas com os nossos múltiplos afazeres, mal tendo tempo para nos falarmos na Escola [...]. Para a Reforma do Ensino era necessária uma grande união de vistas entre as futuras apóstolas da boa nova pedagogia moderna. [...] Foi ali naquele cantinho amigo e protetor que fomos conhecendo as nossas colegas e que as amizades se foram firmando (CHAVES, 1929, n.p.)

As palavras de Letícia Chaves nos permitem compreender a EAMG como um ambiente promotor de redes de sociabilidades intelectuais entre as alunas-mestras que, além de compartilharem

---

<sup>14</sup> Designação oficial dada nos Estatutos da EAMG (dec. 9653/1930) às discentes.

uma rotina intensa<sup>15</sup> de atividades formativas, também partilhariam princípios éticos, comportamentos, conhecimentos teórico-práticos e ideais comuns que possibilitariam o alcance do objetivo institucional de promoção da difusão dos princípios escolanovistas por toda Minas Gerais, tal como a Reforma Francisco Campos (1927) almejava. Por conseguinte, entre as duas normalistas em estudo, a EAMG fomentou o desejo de convivência iniciado, em Araxá, proposição notada nos itinerários de ambas quando egressas: em 1930, retornam para a região geográfica mineira do Alto Paraíba e Triângulo Mineiro e, por volta de 1934, estabelecem residência na capital de MG.

### **Engajamentos femininos coletivos a partir da EAMG**

Em evento da EAMG, ocorrido em junho de 1931, em Belo Horizonte, e assistido por várias alunas-mestras e professoras da Instituição, Leonilda Montandon dava notícias a respeito de sua atuação na difusão dos Métodos Ativos no Grupo Escolar de Araxá:

Os resultados encheram-me de orgulho, [...] não os atribuo somente a mim, mas, sobretudo, às minhas distintas companheiras, cuja dedicação [...] me facilitaram grandemente a tarefa. [Tive dificuldades pela] ausência acidental de algumas professoras. Assim é que seis delas há um mês abandonaram a classe, perturbando quase completamente o meu trabalho, e a ameaça sempre viva de novas perdas vem me causando uma tortura angustiada [...]. (A ATIVIDADE..., 1931, p. 8 – comentário nosso)

A professora, ao agradecer as contribuições das “distintas companheiras” pelos trabalhos executados, parecesse referir a parte das profissionais do Grupo Escolar Delfim Moreira de Araxá

---

<sup>15</sup> Conforme Morais (2015, p. 63), as aulas na EAMG ocorriam de segunda e sábado entre “7h-11h e de 13h-17h [...]. Às 6h45 e às 12h45, os bondes partiam da viação, e às 11h e às 17h, [...] da Escola”.

(entre as quais está Letícia Chaves) e as professoras e alunas-mestras da EAMG presentes naquele evento. Quanto à “ameaça sempre viva de novas perdas”, Leonilda Montandon poderia estar se referindo ao Decreto de n.º 9892/1931<sup>16</sup> que diminuiu o salário das professoras primárias e extinguiu grupos escolares no interior de Minas. Ao reverberar algum tipo de mal-estar entre docentes, a normativa pode ter acarretado dificuldades na aplicação dos princípios da Reforma de 1927, naquela cidade.

Essa exposição demonstra não só que a EAMG prezava pela monitoria no emprego dos Métodos Ativos, como também que suas alunas-mestras (ingressas e egressas) se conhecessem e/ou mantivessem contatos. É possível, ainda, aventar que as professoras responsáveis pela organização desse evento de avaliação, também estivessem oportunizando a participação ativa das alunas nos debates feministas do período, considerando a significativa presença de alunas-mestras no I Congresso Feminino Mineiro<sup>17</sup> (I CFM), evento realizado na mesma data na capital mineira (KULESZA, 2019) com objetivo de refletir sobre o papel da mulher na sociedade pós-revolucionária de 1930. Inicialmente, o evento seria regional, contudo, tomou proporção nacional, contando com a participação de renomadas feministas de diferentes estados brasileiros<sup>18</sup>, bem como de alunas da primeira turma da EAMG, como

---

<sup>16</sup> As interpretações adquiridas desse Decreto se baseiam nos escritos de Peixoto (2003).

<sup>17</sup> O Congresso “liderado pela advogada Elvira Kommel, que havia organizado em Belo Horizonte um ‘batalhão feminino’ durante o movimento revolucionário de 1930, passou a organizar, a partir de 1931, núcleos femininos da Legião de Outubro nos municípios mineiros” (KULESZA, 2019, p. 78). Em suma, as resoluções do I CFM adotaram o “bom feminismo”. Isso é, o modelo de feminismo mais aceito pelos setores sócio-políticos no Brasil, daquela época, por visar a integração das mulheres ao cenário público sem isentá-las do maternalismo e das normas cristãs, sociais e cívicas predominantes no país (KARAWCZYK, 2003).

<sup>18</sup> Natércia da Cunha representou o Rio Grande do Sul; Hermínia de Assis o Espírito Santo; Amélia Sapienza, Maria Chaves, Isolina Becker Segadas Vianna, Eponina Ruas e Anna César o Rio de Janeiro. (ECOS..., 1931)

a professora Leonilda Montandon que, em reconhecimento de seu protagonismo no bom-feminismo educacional, foi eleita diretora nos debates sobre a tese “Instrução”. Nas demais seções e dias do evento, Leonilda atuou como a única conselheira, por Araxá.

A participação de alunas-mestras no I CFM nos sugere que, além da formação intelectual técnica-pedagógica, a EAMG também estimularia o engajamento de forma político-intelectual na *cité*. Esse aspecto fica, também, evidente ao refletirmos sobre as posições que ambas as professoras assumiram no âmbito profissional e associativista mineiro após concluírem a formação na EAMG, como será visto.

### **Protagonismos no associativismo docente mineiro**

A partir de 1934, além de trabalharem na Assistência Técnica-Pedagógica em grupos escolares de Belo Horizonte, as professoras Leonilda Montandon e Letícia Chaves atuaram intensamente na Associação dos Professores Primários de Minas Gerais (APPMG), Entidade fundada em 1931<sup>19</sup>, na capital, a fim de representar as professoras primárias mineiras. Letícia foi conselheira de 1939 a 1943, enquanto Leonilda foi presidenta de 1937 a 1941 e, depois, vice-presidenta de 1943 a 1947.

Em 1937, Leonilda Montandon e a professora Helena Penna (presidenta da APPMG entre 1931 e 1937) estabeleceram a primeira Sede oficial da Associação em uma sala alugada na avenida central de Belo Horizonte, utilizando uma estratégia comum entre adeptas do bom-feminismo: o *lobby*. Isso porque entre 1931 e 1936, Helena Penna, reivindicou repetidamente ao governo do Estado uma sala exclusiva para a alojar a Associação, uma vez que as reuniões e documentos da Entidade estavam ocupando salas de Grupos Escolares e de Escolas Infantis em Belo Horizonte. Após cinco

---

<sup>19</sup> Vale destacar que a APPMG ainda hoje protagoniza o associativismo pedagógico de Minas Gerais, no entanto com o nome de “Associação dos Professores Públicos de Minas Gerais. Maiores informações acerca do processo de mudança de nomes da APPMG, ver: Cardoso (2010).

anos, e sem sucesso na reivindicação, em 1937 elas investiram nas negociações junto ao, então, Secretário de Educação de Minas Gerais, Cristiano Monteiro Machado. Como resultado, o Governo do Estado concordou em fornecer uma parte dos fundos mensais para o aluguel de uma sala, com a promessa de doar um imóvel à Associação no futuro. No entanto, até 1945, essa promessa não havia sido cumprida, resultando na manutenção da Sede em diferentes salas alugadas na cidade.

No período em que exerceu a presidência, Leonilda Montandon angariou novas sócias à APPMG, ampliando a jurisdição da Entidade que, desde março de 1935, se restringia “tão somente à Capital, uma vez que se torna por demais difícil [...] a arrecadação das contribuições das sócias fora dos limites de BH” (Atas da APPMG, 21/03/1935, p. 14). Nessas condições, entre o primeiro e o segundo semestre de 1937, por iniciativa de Leonilda foram enviadas às escolas várias circulares-convites informando que o “objetivo desta nova [Diretoria] é congregar os professores primários de todo o Estado, alargando assim ainda mais o campo de atividades da Associação, em benefício da classe”. Como resultado, até a realização da Assembleia Geral, de setembro de 1937, houve um acréscimo de 369 novas sócias do interior que, se somadas às da Capital mineira, compuseram um montante de 1200 sócias (ASSOCIAÇÃO..., 1937a; 1937b). Número que subiu para 2000, até maio de 1941 (PROFESSORAS..., 1941).

Diante disso, considera-se que, entre 1937 e 1941, a professora Leonilda Montandon “reformulou” a APPMG e, bem assim, o associativismo docente mineiro. Na História dos Intelectuais, a categoria “reformulação” se refere ao “cotidiano do trabalho, à constituição de uma rotina de serviço e à organização interna da Instituição”, além da “construção da Instituição como lugar de referência para os intelectuais do período” (CALDEIRA, 2016, p. 181).

A própria Leonilda Montandon reconhecia sua autoria nas reformulações da APPMG, haja vista que em uma entrevista que concedera, na década de 1970, à Joana D’arc Gontijo – presidenta atual da Associação – ressaltou: “quando assumi a presidência,

todos os documentos e os bens da Associação cabiam numa caixinha de sapato". Assim, para Leonilda, até 1936 a APPMG estava em processo de estruturação, e a partir de 1937 a Entidade adquiriu organização mais sólida ao contar com um maior envolvimento de professoras primárias, dispor de Sede própria e de novos Estatutos.

Nessa direção, para além das implicações materiais advindas de sua atuação, pode-se afirmar que Leonilda Montandon contribuiu para ampliar o espaço de referência para o debate público, de profissionalização feminina e de defesa da Educação em Minas Gerais.

### **Viagens de recreio investidas em intercâmbio cultural**

No campo da formação intelectual das associadas, as professoras Leonilda Montandon e Letícia Chaves compartilharam projetos comuns e afinidades ideológicas que se manifestaram no caráter formativo atribuído às viagens promovidas pela APPMG. Para Letícia, uma professora primária não deveria se "contentar apenas com o que leu e pôde observar nos estreitos âmbitos de sua circunvizinhança. Não. Viajará, se puder, alargando seus conhecimentos, ampliando seus horizontes" (CAMPOS, 1930, p. 37). De igual modo, para Leonilda, as chamadas "excursões" seriam uma forma de alunos e professoras se aproximarem dos princípios filosóficos dos Métodos Ativos (A ATIVIDADE..., 1931).

Pautadas nesses entendimentos, em 1938, junto às demais Conselheiras, Leonilda Montandon e Letícia Chaves conseguiram inscrever nos Estatutos da APPMG os artigos 15 a 24, nos quais se previam excursões que proporcionassem às sócias formação intelectual por meio de "contato com os centros mais culturais do país, onde pudessem adquirir novas experiências" e sociabilidades ao "incentivar e desenvolver o espírito de solidariedade entre todos os professores brasileiros" (APPMG, 1938, n.p.).

Até 1945, foram planejadas e executadas viagens para as regiões mineiras de Ubá, Juiz de Fora, Sul de Minas e para o

sítio arqueológico da Gruta de Maquiné (MG). Já em 1938<sup>20</sup>, 1939 e 1943, as excursões tiveram como destino a cidade do Rio de Janeiro, tendo as primeiras contado com o planejamento e execução das professoras Leticia Chaves e Leonilda Montandon. O custeio das viagens foi arcado pelo *Touring Clube*, o Governo mineiro, a APPMG e as excursionistas. Em ambos os passeios, Leonilda foi a guia responsável, o que lhe coloca em evidência diante o reconhecimento por parte de suas colegas como alguém de “incontestável destaque e cultura no seio da sociedade”, como pondera os Estatutos da APPMG.

As viagens ao Rio ocorreram nos meses de junho de 1938 e 1939, tendo, respectivamente, 25 e quinze excursionistas. Dentre essas, há professoras residentes no interior e na capital vinculadas à APPMG, à EAMG e/ou a Instituições educacionais públicas de Minas. O clichê abaixo demarca as excursões em debate:

**Imagem 3** – Excursão da APPMG ao RJ (1938)



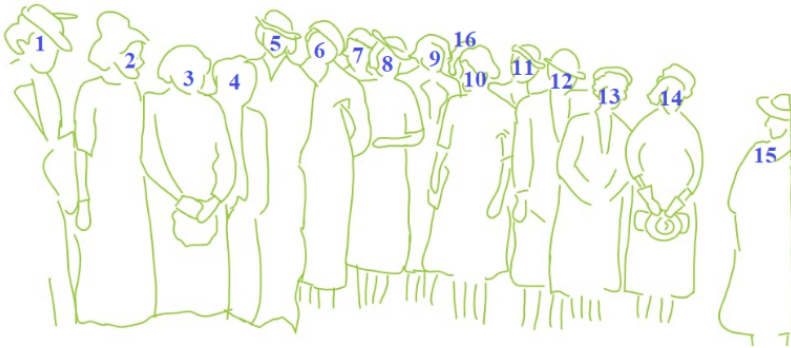
Fonte: Professoras..., 1938

---

<sup>20</sup> Em 1938, inicialmente, o destino seria São Paulo, contudo, Leonilda explicou que a excursão não pôde “ser levada a efeito apenas por um mal-entendido de um funcionário da Secretaria de Educação” (ATAS..., 25/02/1938, p. 29).



### Referência 1 – Imagem 3<sup>21</sup>



Fonte: elaboração nossa

Nessa imagem, divulgada juntamente com entrevistas das viajantes a jornais do Rio de Janeiro, à época, as professoras-guias, Leticia e Leonilda são as representadas pelos números 5 e 6. Pode-se observar, no posicionamento de ambas para a fotografia, a proximidade entre elas, expressão material das relações que vinham construindo, desde os encontros na cidade natal, Araxá, o processo formativo na EAMG e em outros espaços de sociabilidades compartilhados por elas.

Observa-se a existência de certo padrão no vestuário das excursionistas - vestidos com limite pouco abaixo dos joelhos e, coerente com uma “das grandes sensações dos anos 30”<sup>22</sup> o uso de acessórios como complemento em alguns casos, como chapéus, luvas e boleros - e em seus cortes curtos de cabelo. É possível que esses elementos indiquem valores comuns socialmente aceitos

<sup>21</sup> 1. Ednáh Santa Rosa; 2. Alba Paiva; 3. Noemia Araújo; 4. Ana Lima; 5. Leonilda; 6. Leticia; 7. Áurea Queiroga; 8. Vera Fonseca; 9. Ondina Conrado; 10. Izabel Paiva; 11. Mariana M. Machado; 12. M<sup>a</sup> Conceição Queiroga; 13. Anita Fonseca; 14. Esther Batista; 15. M<sup>a</sup> Conceição Gonçalves; 16. Stela Santa Rosa. (ATAS..., 1931-1939)

<sup>22</sup> 1930: A década da moda sóbria e elegante. **Revista VLK**. Destaque e Moda. 5 de junho de 2021. Disponível em: <https://revistavlk.com.br/1930-a-decada-da-moda-sobria-elegante/>. Acesso em 12/02/2024.

como adequados para as professoras primárias naquela época, já que nos “movimentos do corpo e do rosto, na postura e nas vestes encontram-se os elementos de uma caracterização psicológica e de uma taxonomia social” (REVEL, 2009, p. 169).

Nas entrevistas dadas em 1938 e 1939 a jornais cariocas, Leonilda Montandon e Letícia Chaves evitam falar sobre problemas enfrentados na área educacional em Minas, contudo não deixavam de expressar gratidão ao Governo do Estado pelo financiamento parcial das viagens. Isso, é possível, como estratégia política para evitar conflitos futuros entre o governo, a APPMG e as viajantes. Importa destacar que o contexto político, entre 1937 e 1945, no Brasil era de Regime ditatorial, no qual quaisquer “grupos insatisfeitos com o governo poderiam ser perseguidos e silenciados com o autoritarismo político” (VAZ, 2012, p. 43).

No âmbito da educação, a avaliação da professora Leonilda Montandon era de grande entusiasmo, especialmente, em 1938, quando, ao ser entrevistada ressaltou: “ainda está em pleno vigor a reforma realizada pelo Sr. Francisco Campos” (ENSINANDO..., 1938, n.p.). A relação entre a atuação do corpo técnico formado pela EAMG e o êxito da Reforma foi destacada pelas duas professoras, Leonilda e Letícia Chaves, por ocasião de uma viagem ao Rio de Janeiro, em 1939, quando afirmaram que a educação mineira melhorou graças aos Métodos Ativos aplicados “em todas as cidades onde se encontra uma ex-aluna dos cursos de aperfeiçoamento” sendo “a Escola de Aperfeiçoamento o grande centro de onde se irradiaram os novos processos pedagógicos” (ENCONTRA-SE..., 1939, p. 1). Pontos coadunados por Aracy Pedrelina e Saline Nacif, “representantes de pequenas cidades do nordeste de Minas e da Matta, onde os mesmos métodos estão sendo empregados” (CULTURA..., 1939, p. 6).

Os jornais cariocas acolheram favoravelmente essas falas, uma vez que, como se vê em Silva (2016), o Ensino Ativo também estava em voga entre intelectuais do Rio de Janeiro e de diversos estados do Brasil, portanto, forjados em uma geração intelectual<sup>23</sup>

---

<sup>23</sup> A categoria “geração” não se define envolta de um âmbito “apenas

pautada na reverberação dos novos Métodos. Geração essa da qual fazia parte as excursionistas da APPMG.

Logo, não é errôneo inferir que Leonilda Montandon e Letícia Chaves, entre 1929 e 1944, em MG e BH, compartilharam amplas redes intelectuais no entorno da Reforma de Francisco Campos (1927) e do associativismo de classe por meio da APPMG e da EAMG. Redes essas dispostas em gestos intelectuais, mas também políticos no sentido mais amplo da acepção de “intelectual” de Sirinelli (2015). Essas circunstâncias são fortalecidas a partir de 1939, quando, sob os auspícios da APPMG, um impresso pedagógico foi criado.

### **O impresso pedagógico como expressão intelectual**

Desde a reformulação dos Estatutos da APPMG, a partir de 1937, Leonilda Montandon ensejara à EAMG “um boletim que informe sobre o movimento e a atividade da Associação e traga, ainda, os sócios a par dos mais práticos e eficientes processos de ensino” (ASSOCIAÇÃO..., 1937a, p. 11). Esse projeto foi executado a partir de 1939, quando as professoras Leonilda, Letícia Chaves, Dulcie Kanitz Vicente Vianna, Maria Luíza de Almeida Cunha, Marieta Leite, Ondina Amaral Brandão e Zembra Pinheiro Chagas – conselheiras da Associação e profissionais atuantes em importantes Instituições educacionais de Belo Horizonte – assumiram a mentoria e a editoria do que viria a ser um importante impresso pedagógico.

O título escolhido pelas mentoras foi “Revista Educando”<sup>24</sup>. Ao todo, foram 39 edições publicadas entre 1940 e 1945, que

---

descritivo ou taxinômico”, mas, sim, a partir de mudanças sociais, culturais e/ou políticas que afetaram as formas de pensar e de agir que “reveste-se em determinados casos, das virtudes explicativas, pois esses efeitos e fenômenos não são inertes” (SIRINELLI, 2015, p. 255).

<sup>24</sup> Para um aprofundamento sobre a Revista Educando ver: Magalhães Alves (2023) e Beschizza (2022).

funcionaram como porta-voz da APPMG, tendo por objetivos informar, formar e atualizar professoras primárias, especialmente, na aplicação dos Métodos Ativos. Em sua estrutura, contou com artigos escritos por alunas-mestras, normalistas e outros(as) profissionais do ensino convidados(as), portanto, engajados(as) pelas professoras-editoras e pelos princípios da Educação Ativa. O impresso contou com considerável tiragem, alcançando, à época, grande parte das regiões geográficas de Minas Gerais e outros estados brasileiros, como a Bahia e o Mato Grosso.

Desse modo, entendemos que as professoras Leonilda Montandon e Letícia Chaves atuaram como intelectuais mediadoras por dois motivos principais: o primeiro refere-se, diretamente, aos protagonismos na criação e manutenção da Revista; o segundo por considerar que intelectuais mediadoras tendem a prover “redes que se constituem em espaços propícios ao surgimento de novas maneiras de pensar e sentir” (HANSEN; GOMES, 2016, p. 22). Por seu papel junto ao professorado mineiro, compreendemos a Revista Educando como um produto de mediação cultural, dado seu caráter “intelectual híbrido”. Isso é, um produto tanto “capaz de estabelecer uma comunicação com novos públicos” (HANSEN; GOMES, 2016, p. 22) que não tiveram acesso à EAMG, mas que almejavam inteirar-se das novidades sobre a renovação do ensino; quanto promover diálogo com intelectuais pertencentes às redes de sociabilidades das mulheres-editoras. Nessa direção, a Revista se tornou uma grande divulgadora dos novos princípios da Escola Ativa, contendo os Programas discussões pedagógicas, materiais didáticos, discussões teóricas, poesias, anúncios e propagandas de materiais escolares, produtos de higiene, entre outros.

Embora houvesse regularidade na difusão da Revista, o período de maior interrupção nas publicações (durante quatro meses) se deu por ocasião do falecimento da editora Letícia Chaves, em outubro de 1944. Pausa similar também ocorreu em relação às reuniões da APPMG, vide que a última reunião do Conselho foi realizada em 30/09/1944, mês anterior ao falecimento,

sendo retomada, novamente, em 14/04/1945, situação bastante extraordinária para a Associação<sup>25</sup>.

Se até o ano de 1944, a Revista Educando não se posicionava politicamente contra o Governo, observa-se, nas edições de 1945, severas e recorrentes críticas à Ditadura Vargas, com publicações de artigos em defesa da democracia, da liberdade e da educação e contrários ao despotismo, à violência. Várias conselheiras se lançam na política almejando postos eletivos, como a Presidenta da APPMG à época, Alaíde Lisboa de Oliveira, e a Conselheira Marieta Leite. O grupo editorial acaba se dispersando levando ao fim das publicações da Revista.

As experiências compartilhadas pelas professoras Leonilda Montandon e Leticia Chaves em Belo Horizonte, nas décadas de 1930 e 1940, ao lado de políticos, intelectuais, autoridades públicas, entre outras pessoas que integraram suas redes de sociabilidades, deixaram marcas afetivas em suas vidas. No caso de Leonilda, as evidências estão registradas nos livros por ela escritos, nas décadas de 1960 e 1970, nos quais coloca em circulação a imagem de Belo Horizonte como a “capital pedagógica do Brasil” por ser de onde “saíram as mais importantes reformas que apontaram novos rumos à educação da infância e juventude mineiras” (MONTANDON, 1976, p. 24).

## Considerações finais

Neste estudo, nos debruçamos sobre as trajetórias das professoras mineiras, de Araxá, Leonilda Scarpelli Montandon e Leticia Chaves Campos, ao longo dos anos de 1929 a 1944, buscando evidenciar aspectos da participação feminina nos debates públicos relativos ao campo da renovação educacional em Minas Gerais, por meio da análise dos itinerários comuns e as sociabilidades

---

<sup>25</sup> Como exemplo, as Atas da APPMG informam que em 1943 houve reuniões em março, maio, agosto, setembro, outubro e novembro, e, em 1944, nos meses de fevereiro, maio, junho, julho e agosto. Assim, uma variação média de um ou dois meses.

intelectuais protagonizadas por ambas. Vale observar que, entre os fins da década de 1920 e meados da década de 1940, o Brasil foi palco de intensas mudanças nos campos político e educacional, as quais suscitaram muitos debates nos âmbitos civis e políticos. Nesse contexto, via-se uma considerável presença de mulheres nas discussões públicas acerca da Educação (CHAMON, 1996).

Nessa ambiência, as duas intelectuais protagonistas deste estudo compartilharam valores e ideias comuns graças às redes compostas por suas famílias, bem como pela carreira e os princípios comuns que constituíram a partir do campo da Educação entre as cidades de Araxá e de Belo Horizonte. No campo educacional, o engajamento intelectual na *city* deu-se entre elas e outras professoras, especialmente, por meio da formação técnico-pedagógica recebida na EAMG, da atuação profissional como assistentes técnicas e por meio da direção dos trabalhos na APPMG.

Entre 1937 e 1941, ao lado de outras mulheres, Letícia Chaves e Leonilda Montandon reformularam a principal Associação docente de Minas Gerais, ali introduzindo novas rotinas e ampliando a rol de associadas. Contribuíram, inegavelmente, com o processo de formação cultural do professorado, ampliando seus horizontes, especialmente, por meios das excursões às diversas cidades do país e das produções científicas que circularam na Revista Educando, o impresso pedagógico da Associação.

Leonilda Montandon e Letícia Chaves foram difusoras das inovações educacionais propostas pela Reforma do Ensino Primário mineiro (1927), principalmente dos Métodos Ativos. Questão essa que marcou aquela geração intelectual constituída por elas e outras profissionais do campo da Educação, durante as décadas de 1930 e 1940, especialmente, quando refletimos sobre as atividades desenvolvidas na Revista Educando, espaço de sociabilidade no qual atuaram como mentoras e editoras.

O que a trajetória dessas intelectuais nos mostra é o protagonismo de duas mulheres de famílias da elite mineira que, por intermédio da Educação, articulam-se em diferentes espaços de sociabilidades como a EAMG, considerada o principal instrumento da Reforma educacional de Minas Gerais; a Associação dos

Professores Primários, promovendo debates, difundindo práticas e reflexões voltadas às questões educacionais, e ainda, reunidas em torno do impresso pedagógico, Revista Educando, destinada a consolidar o processo de formação intelectual do professorado do Estado de Minas Gerais.

Enfim, pode-se afirmar que as professoras Leonilda Montandon e Letícia Chaves atuaram como intelectuais mediadoras e, bem assim, integram o grupo de intelectuais brasileiras(os) que, durante o século XX, direcionaram sua atuação para “o campo educacional emergente com o objetivo de reorientá-lo para práticas modernas e científicas, notadamente escolanovistas” por meio de suas “inserções e formas de atuação no campo educacional, editorial e na burocracia do estado” (SILVA, 2006, p. 290).

## Referências

AZEVEDO, L. P. M. C. **Travessias Brasil - Europa: o Instituto Jean Jacques Rousseau e as redes de intelectuais (1912-1934)**. 2023. 322f. Tese (Doutorado), Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Programa de Pós-Graduação em Educação, Natal, 2023.

ALVES, C. Contribuições de Jean-François Sirinelli à História dos Intelectuais da Educação. **Educação e filosofia**, v. 33, n. 67, p. 27-55, 2019.

BESCHIZA, R. M. F. **Revista Educando: uma estratégia de formação da Associação dos (das) Professores (as) primários de Minas Gerais**. Dissertação (Mestrado), Universidade de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Educação, São Paulo, 2022.

BOMENY, H. **Os intelectuais da educação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CALDEIRA, A. P. S. Ramiz Galvão e o projeto de uma biblioteca nacional. In: GOMES, A. C.; HANSEN, P. S. (org.). **Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política**. 1 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016, p. 177-215

CARDOSO, M. E. **Discursos e identidades: a emergência do termo trabalhadores do ensino**. 2010. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Educação, Belo Horizonte, 2010.

CECCHETTI, E.; SANTOS, A. V. O Ensino Religioso na escola brasileira: alianças e disputas históricas. **Acta Scientiarum**, v. 38, n. 2, p. 131, 11 maio 2016.

CURY, C. R. J. Um olhar sobre o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova de 1932. In: XAVIER, M. C. (org.). **Manifesto dos pioneiros da educação: um legado educacional em debate**. 1 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2004, p. 113-130.

GOMES, A. M. C.; HANSEN, Patrícia Santos (org.). **Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política**. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

KARAWEJCZYK, M. **As filhas de Eva querem votar**. 2013. 398 f. Tese (Doutorado), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em História, Porto Alegre, 2013.

KULESZA, W. A. **A Escola de Aperfeiçoamento em Belo Horizonte**. 1 ed. Belo Horizonte: Appris, 2019.

MAGALHÃES ALVES, L. J. **Mulheres intelectuais na mentoria e editoria da “Revista Educando” em Minas Gerais**. Dissertação (Mestrado), Universidade do Estado de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Educação e Formação Humana, Belo Horizonte, 2023.

MORAIS, R. M. F. **Gestando uma “profissão relativamente nova”**: a educação física na Escola de Aperfeiçoamento (BH, 1927-1945). 2015. 140 f. Tese (Doutorado), Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Educação, Belo Horizonte, 2015.

NAGLE, J. **Educação e sociedade na Primeira República**. 1 ed. Rio de Janeiro: Edusp, 2001.



NOGUEIRA, V. L. Instrução e educação do trabalhador no ideário educativo modernizador do Estado de Minas Gerais (189. In: NOGUEIRA, V. L. *et al* (org.). **Instrução e educação do trabalhador no ideário educativo modernizador do Estado de Minas Gerais (1892-1920)**. 1ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2015, p. 151-179. (Estudos Históricos).

PEIXOTO, A. M. C. **Educação e Estado Novo em Minas Gerais**. 1 ed. Bragança Paulista: EDUSF, 2003.

PRATES, M. H. A Escola de Aperfeiçoamento: teoria e prática na formação de professores. In: FARIA FILHO, L. M.:PEIXOTO, A. M. C. (org.). **Lições de Minas: 70 anos da secretaria de educação**. 1 ed. Belo Horizonte: Governo de MG, 2000, p. 66-78. (Lições de Minas).

REVEL, J. Os usos da civilidade. In: ARIÈS, P.; DUBY, G. (Org.). **História da vida privada 3: da Renascença ao Século das Luzes**. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 169-210.

SILVA, G. J. Universidade do Ar: Jonathas Serrano e a formação dos professores de História Pátria pelas ondas do rádio. In: GOMES, A. C.; HANSEN, P. S. (org.). **Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política**. 1 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016, p. 289-330.

SIRINELLI, J. F. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (org.). **Por uma História Política**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2015, p. 231-270.

STONE, L. Prosopografia. **Rev. Sociol. Polít.**, v. 39, n. 19, p. 115-137, 2011.

ORLANDO, E. A. Uma leitura católica do Movimento Escolanovista. **Linguagens, Educação e Sociedade**, n. 15, p. 45-56, 2006.

VAZ, A. C. **Política, trabalho e intolerância: ensino primário e as práticas educativas em MG**. 2012. 249 f. Tese (Doutorado), Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Educação, Belo Horizonte, 2012.

**FONTES**

**REVISTA EDUCANDO.** Belo Horizonte: APPMG, n. 3, maio 1940.

A ATIVIDADE de um grupo escolar de Minas através de um depoimento sincero. **Minas Gerais.** Belo Horizonte, 22 jun. 1931. Pelo Ensino, p. 8.

APPMG (Belo Horizonte) (org.). **Estatuto da APPMG.** Belo Horizonte: s.e., 1938.

APPMG. **Atas de reuniões da Associação de Professores Primários de Minas Gerais.** Belo Horizonte: S.e., 1931-1945.

ASSOCIAÇÃO dos Professores Primários de Minas Gerais. **Minas Gerais.** Belo Horizonte, 10 out. 1937a. Pelo Ensino, p. 18.

ASSOCIAÇÃO dos Professores Primários de Minas Gerais. **Minas Gerais.** Belo Horizonte, 22 out. 1937b. Pelo Ensino, p. 11.

CAMPOS, L. C. Metodologia Geográfica. **Revista do Ensino,** Belo Horizonte, v. 50-52, p. 36-37, out. nov. dez. 1930.

CHAVES, L. Socialização. **A Voz da Escola.** Belo Horizonte, v.1, n.p., 8 dez. 1929.

CHAVES, L. Uma página de saudade. In: CARVALHO, H. (org.). **Álbum de Araxá.** São Paulo: Typographia Gutemberg, 1928.

CULTURA pedagógica com espírito de brasilidade. **Gazeta de Notícias.** Rio de Janeiro, p. 6. 27 jun. 1939.

ECOS do Primeiro Congresso Feminino Mineiro. **Correio da Manhã.** Rio de Janeiro, p. 3. 10 jun. 1931.

ENCONTRA-SE no Rio um grupo de educadoras mineiras. **Correio da Manhã.** Rio de Janeiro, p. 1. 27 jun. 1939.

ENSINANDO a lêr e evitando catastrophes. **O Globo.** Rio de Janeiro, n.p., 28 jun. 1938.

LUTO. **Minas Gerais.** Belo Horizonte, p. 11-12. 31 out. 1944.

MONTANDON, L. S. **Vamos conhecer MG**: estudos sociais. 123 ed. Rio de Janeiro: Fename, 1976.

PROFESSORAS de Minas excursionam à Gruta de Maquiné. **O Diário**. Belo Horizonte, p. 1. 7 maio 1941.

PROFESSORAS Mineiras em visita à Noite e à Soc. Rádio Nacional. **A Noite**. Rio de Janeiro, p. 4. 26 jun. 1938.